

Serviços farmacêuticos destinados ao paciente transplantado renal: da beira do leito ao ambulatório pós-transplante, a experiência do Ceará

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a demanda crescente do Sistema Único de Saúde (SUS) é por um perfil de farmacêutico voltado ao cuidado de caráter clínico, com interação direta com os usuários, de forma individual ou focados na educação coletiva, integrado a cultura e ao contexto comunitário, com serviços estruturados com base nas necessidades de uma determinada população<sup>1</sup>.

Com a aprovação da resolução do Conselho Federal de Farmácia Nº 585/2013, um importante passo foi dado em prol da sociedade como um todo, que agora passa a contar com as atribuições clínicas do profissional farmacêutico devidamente regulamentadas. O farmacêutico contemporâneo passa a atuar no cuidado direto ao paciente, promovendo o uso racional de medicamentos e redefinindo sua prática a partir das necessidades dos pacientes, família, cuidadores e sociedade<sup>2</sup>. A participação ativa do farmacêutico na atenção individualizada dos pacientes vem crescendo em diversos ambientes assistenciais (comunitário e hospitalar) e vem impactando positivamente na promoção, prevenção e recuperação da saúde<sup>3</sup>.

O acesso aos serviços e ações de saúde proporcionado pelo SUS à população, contribui de forma significativa para a sua satisfação, uma vez que determinados serviços, especialmente os de alta complexidade, que alguns indivíduos encontrariam dificuldade para ter acesso, são disponibilizados para todos. Em um estudo com usuários do SUS sobre esse contexto, os entrevistados destacam o alcance aos serviços de alta complexidade, como hemodiálises e transplantes, e atribuem ao SUS o fornecimento de tratamentos dispendiosos que antes não eram acessíveis ao conjunto da população<sup>4</sup>.

Atualmente o transplante renal representa o melhor tratamento disponível para insuficiência renal crônica (IRC) em estágio terminal. Nos países desenvolvidos, além de melhor qualidade de vida, também possibilita sobrevida superior à oferecida pelas demais formas de substituição renal, por menor custo<sup>5</sup>. Apesar de não apresentar tantas limitações como a terapia dialítica, o transplante renal requer uma forte adesão ao tratamento imunossupressor, crucial para a sobrevivência do enxerto. A não adesão culmina em aumento de incidência de rejeição (aguda ou crônica)<sup>6</sup>.

Por outro lado, a introdução de novos agentes imunossupressores, com maior eficiência, têm reduzido a incidência de rejeição aguda e aumentado a taxa de sobrevida do enxerto renal até aproximadamente 90-95% no primeiro ano pós-transplante<sup>7</sup>. Apesar disso, grande parte dos pacientes transplantados, além dos imunossupressores, recebe tratamento concomitante para doenças crônicas como hipertensão, diabetes e dislipidemia e ainda utilizam medicamentos profiláticos tais como os antibióticos, antifúngicos e antivirais. Essa polifarmácia aumenta o risco de reações adversas e interações medicamentosas, além de complicar o regime terapêutico<sup>8</sup>.

A inserção do farmacêutico clínico nesse cenário, participando ativamente de visitas clínicas diárias em hospitais, provendo suporte de informações à equipe médica e de enfermagem, realizando, por exemplo, a conciliação medicamentosa (no internamento, transferência entre unidades e alta<sup>9</sup>) e atuando diretamente com o paciente e familiares, buscando aumentar a adesão e participação ativa dos pacientes na sua própria terapêutica, desponta como oportuna e relevante, sobretudo quando consideradas as possibilidades de incremento da segurança do processo assistencial<sup>10</sup>.

Um trabalho recente demonstrou dentre outros achados que: o farmacêutico clínico integrado à equipe de assistência em transplantes foi capaz de realizar intervenções

extremamente significantes que geraram um aumento muito importante na efetividade e/ou qualidade da terapia, e que as estratégias de orientação para educar os pacientes sobre o uso de medicamentos foram prevalentes entre as intervenções realizadas<sup>11</sup>.

Com base nisso, este artigo objetiva descrever através de um relato de experiência, a evolução e consolidação dos serviços farmacêuticos prestados aos pacientes transplantados renais, bem como a suas famílias, em um complexo hospitalar universitário de Fortaleza, Ceará.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

### **Tipo de Estudo:**

Trata-se de um relato de experiência sobre a evolução e consolidação dos serviços farmacêuticos prestados a pacientes e seus familiares, acompanhados pelo serviço de transplante renal de um complexo hospitalar universitário em Fortaleza, Ceará. Este relato foi construído com base na experiência vivenciada pelos farmacêuticos do serviço de transplante renal, bem como pelos farmacêuticos residentes, durante o período de agosto de 2016 e agosto de 2017.

### **Local do estudo:**

O cenário de estudo consiste em ambulatório e enfermaria de transplante renal de um hospital público, universitário, que presta assistência quaternária de alta complexidade à saúde e com esfera administrativa federal, mantido pelo Sistema Único de Saúde (SUS), localizado em Fortaleza, Ceará. O hospital conta com mais de 200 leitos para internação, além de ambulatórios gerais e especializados, oferecendo todos os serviços de alta complexidade e sendo considerado um dos principais centros transplantadores do Ceará e do Brasil, realizando transplantes de rim, fígado, pâncreas, córnea e medula óssea.

Em se tratando de internação, a Clínica Cirúrgica III do hospital comporta 5 enfermarias com um total de 20 leitos prioritariamente reservados para pacientes dos transplantes de órgãos sólidos, sendo 12 leitos para o transplante renal e 8 para o hepático. Nessa unidade são internados tanto pacientes recém-transplantados, transferidos após alta da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) pós-operatória, como pacientes transplantados recentes ou tardios que evoluíram com complicações ou intercorrências pós-transplante por meio de transferência de unidades do mesmo hospital, oriundos de outros serviços de saúde, encaminhados pelos ambulatórios de transplantes ou com queixas/situações clínicas que necessitem internação em caráter de emergência.

O ambulatório de Transplante Renal disponibiliza amplo serviço especializado e funciona de segunda a sexta de 7 às 19h. Conta com o serviço de acompanhamento clínico de pacientes pré e pós transplante renal pela equipe multiprofissional (médicos, farmacêuticos, enfermeiros, fisioterapeutas, psicólogos, assistentes sociais e nutricionistas). O ambulatório dispõe de consultório climatizado privativo para atendimento farmacêutico.

### **Equipe de Farmacêuticos:**

O serviço de transplante renal conta com duas farmacêuticas, uma para o ambulatório e uma para as enfermarias e ainda com o apoio de seis farmacêuticos residentes, que são vinculados a um programa de Residência Multiprofissional na área específica de

Assistência em Transplantes. Os residentes são treinados pelas farmacêuticas do serviço a fim de prestar cuidados farmacêuticos a este público<sup>10</sup>.

### Serviços Farmacêuticos ofertados:

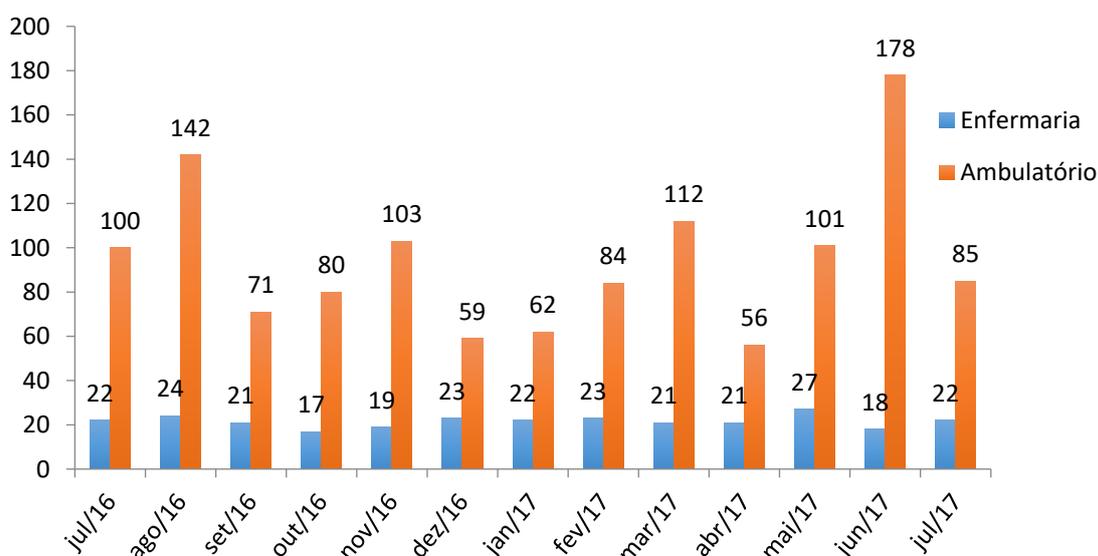
Em ambos os cenários os cuidados farmacêuticos são voltados aos pacientes transplantados renais e suas famílias, atendendo as demandas conforme as necessidades e peculiaridades de cada setor. Os serviços farmacêuticos prestados são<sup>12</sup>:

- Conciliação de medicamentos durante a admissão e alta hospitalares;
- Revisão da farmacoterapia diária e contínua para todos os pacientes internados e ambulatoriais a grupos específicos;
- Acompanhamento farmacoterapêutico hospitalar e ambulatorial;
- Gestão da condição de saúde;
- Educação em saúde, sobretudo para os pacientes pré-transplante e recém-transplantados;
- Dispensação de medicamentos, principalmente na alta hospitalar e ambulatorial;
- Monitorização terapêutica de medicamentos, em especial dos imunossupressores;

### RESULTADOS

Os dados referentes ao período do estudo estão demonstrados na FIGURA 1. São apresentados o número de admissões na Clínica Cirúrgica III e o número de consultas farmacêuticas realizadas no ambulatório de Transplante Renal no período de 12 meses.

**FIGURA 1:** Número de admissões na enfermaria de Transplante renal (Clínica Cirúrgica III) e número de consultas farmacêuticas realizadas no ambulatório de transplante renal no período de julho/2016 a julho/2017.



Fonte: Serviço de Farmácia Clínica HUWC, 2016/2017.

A seguir, são descritos e apresentados individualmente os serviços farmacêuticos prestados em ambos os cenários.

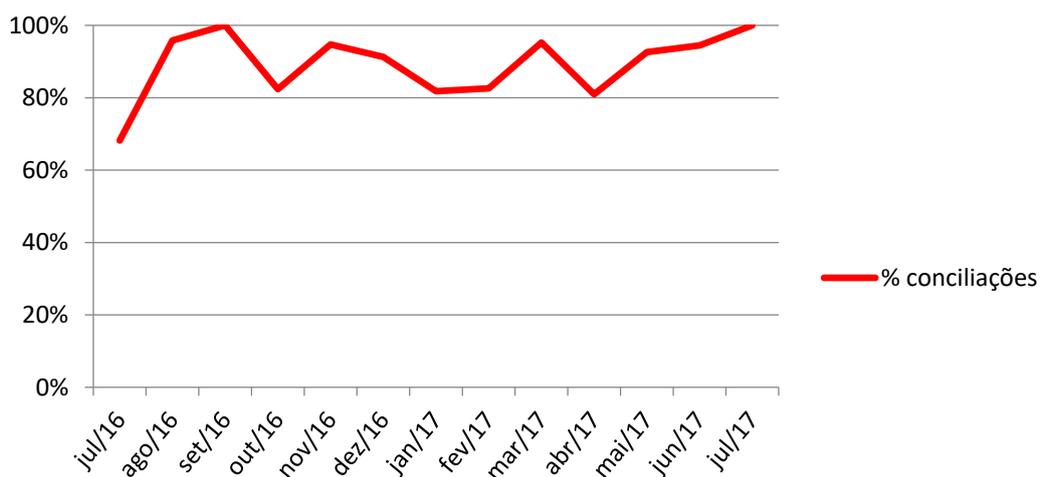
## Conciliação Medicamentosa

Em um período de até 48h da admissão na enfermaria, o farmacêutico acolhe o paciente e seu acompanhante/cuidador conciliando toda a sua farmacoterapia pregressa. Durante este momento é realizada anamnese farmacêutica a fim de coletar dados da história da doença, do perfil farmacoterapêutico e identificação das necessidades relacionadas à saúde do paciente<sup>13</sup>. No momento da entrevista de admissão, o farmacêutico realiza revisão da farmacoterapia pregressa ao transplante, avalia sua experiência e conhecimento sobre medicamentos, questiona sobre histórico de alergia ou reações adversas a medicamentos (RAM), uso prévio de antimicrobianos, verifica a presença ou ausência de medicamentos próprios do paciente e busca identificar possíveis problemas biopsicossociais que possam influenciar na adesão à farmacoterapia (ex: analfabetismo total ou funcional, baixa acuidade visual ou auditiva, pouco suporte familiar, doenças psiquiátricas, etc.). Todas as informações são registradas em formulário específico.

Após realizar a anamnese farmacêutica, o profissional compara a farmacoterapia pregressa advinda do relato do paciente ou acompanhante, receituários ou prescrições e tabelas ou sacolas de medicamentos, com registros do prontuário e farmacoterapia atual no intuito de verificar possíveis discrepâncias. Por fim, o farmacêutico revisa com a equipe médica as discrepâncias encontradas com o objetivo de atender às possíveis demandas de saúde não atendidas. Não obstante, é realizado o mesmo processo de conciliação de medicamentos na alta hospitalar do paciente e após encaminhamento para o ambulatório de transplante renal almejando a continuidade do cuidado e otimização da farmacoterapia.

A FIGURA 2 traz os dados referentes a conciliação medicamentosa no período de julho de 2016 a julho de 2017. A porcentagem de conciliações foi calculada pela razão entre o número de admissões e o número de conciliações em um determinado mês.

**FIGURA 2:** Percentual de conciliações medicamentosas realizadas na Clínica cirúrgica III no período de julho/2016 a julho/2017.



Fonte: Serviço de Farmácia Clínica HUWC, 2016/2017.

## Revisão da farmacoterapia

Este serviço é iniciado na admissão do paciente durante as fases primárias da Conciliação de medicamentos e, posteriormente, é realizado de forma contínua pelo

farmacêutico com a finalidade de identificar e resolver problemas relacionados à farmacoterapia. Desde o início do Acompanhamento Farmacoterapêutico do paciente internado se busca revisar e analisar sua farmacoterapia (tanto a pregressa como a atual) avaliando sempre parâmetros clínicos e laboratoriais de necessidade, efetividade e segurança. Durante este período o farmacêutico realiza a revisão clínica da farmacoterapia: uma anamnese mais aprofundada sobre os medicamentos e condições de saúde, com o intuito de conseguir uma base de informações mais completa sobre as necessidades de saúde do paciente e, em seguida, realiza as recomendações necessárias à equipe multiprofissional, objetivando sempre otimizar a farmacoterapia.

De forma semelhante, esse serviço é ofertado aos pacientes atendidos ambulatorialmente durante as consultas farmacêuticas, principalmente pacientes com mais de 60 anos e pacientes com até 3 meses de transplante. Em ambos os cenários é necessária a avaliação constante dos parâmetros já citados, sendo essa atividade de extrema importância em nível ambulatorial, pois permite identificar possíveis problemas de acesso ou de adesão ao medicamento.

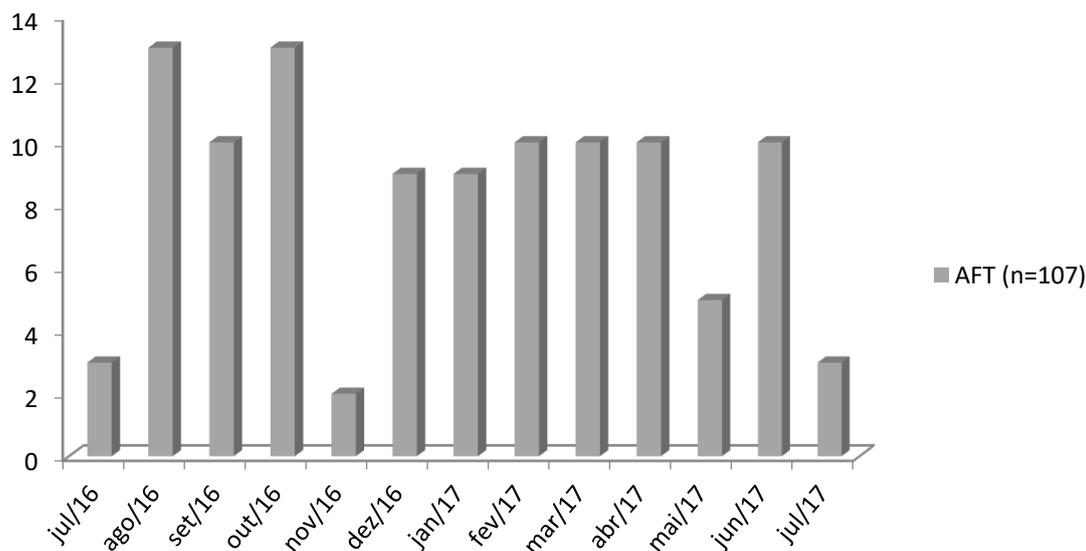
### **Acompanhamento farmacoterapêutico**

Todos os pacientes recém-transplantados são elegíveis para o Acompanhamento farmacoterapêutico (AFT). Este serviço possibilita um acompanhamento longitudinal do paciente durante a internação, onde o farmacêutico estabelece metas terapêuticas em conjunto com a equipe multiprofissional, paciente e familiares, objetivando os melhores resultados clínicos possíveis e a alta hospitalar. Durante este acompanhamento, o farmacêutico busca identificar, analisar e resolver possíveis problemas relacionados à farmacoterapia por meio de recomendações farmacêuticas<sup>11,14</sup> com a equipe de saúde, cuidadores, familiares e pacientes. São avaliados os seguintes parâmetros:

- ✓ Duração da terapia imunossupressora de indução;
- ✓ Monitoramento das profilaxias pós-transplantes;
- ✓ Monitoramento de parâmetros infecciosos e acompanhamento da terapia antimicrobiana através do programa de gestão clínica de antimicrobianos *Stewardship*<sup>15</sup>;
- ✓ Monitoramento da terapia imunossupressora de manutenção;
- ✓ Rastreamento e manejo de condições clínicas negativas relacionadas a terapia e ações de Farmacovigilância<sup>16</sup>.

Atua-se também buscando a prevenção de resultados clínicos negativos relacionados à farmacoterapia, prevenindo doenças e agravos e promovendo saúde no seu mais amplo contexto. Portanto, essa característica longitudinal permite que o farmacêutico atue e ofereça diversos outros serviços na sua prática profissional. A FIGURA 3, traz a distribuição da quantidade de pacientes pós-transplante renal acompanhados mensalmente durante o período de 1 ano.

**FIGURA 3:** Distribuição mensal de AFT realizados em enfermaria de Pós-Transplante Renal no período de julho de 2016 a julho de 2017.



Fonte: Serviço de Farmácia Clínica HUWC, 2016/2017.

No momento da alta hospitalar é realizado o encaminhamento do paciente com o preenchimento de formulário específico de AFT ambulatorial, que é repassado aos farmacêuticos que darão seguimento ao processo de cuidado. Neste formulário são resumidas informações básicas sobre o histórico clínico, epidemiológico e psicossocial do paciente e evidenciadas as metas já alcançadas e as que necessitam de aprimoramento ou condutas que por ventura venham a ser tomadas. O seguimento prossegue ambulatorialmente por, pelo menos, 3 meses após a alta, garantindo continuidade do cuidado.

### **Gestão da condição de saúde**

Este serviço é ofertado durante todo o processo de cuidado ao paciente transplantado renal, objetivando, sobretudo, conscientizar e fornecer subsídios para o autocuidado após a alta hospitalar e durante o acompanhamento ambulatorial.

Neste âmbito, desde o momento da admissão, quando o farmacêutico avalia possíveis deficiências biopsicossociais que possam comprometer a terapia, até o momento da elaboração de materiais educativos e orientações personalizadas acerca da farmacoterapia na alta hospitalar e nos atendimentos ambulatoriais, são realizadas ações de gestão desta condição de saúde específica: o transplante renal (FIGURA 4).

Durante o acompanhamento farmacoterapêutico não é diferente: a pactuação das metas terapêuticas com o paciente visa promover maior aproximação deste com o profissional, gerando uma relação de confiança que permita ao farmacêutico entender o paciente como um sujeito único e elaborar ferramentas para emponderá-lo sobre sua terapia, culminando em um melhor autocuidado.

**FIGURA 4:** Paciente em consulta farmacêutica no ambulatório de Transplante Renal.



Fonte: Arquivo pessoal.

### **Educação em saúde**

Intervenções e medidas de educação em saúde são tomadas desde o pré-transplante até o acompanhamento ambulatorial pós-transplante. No primeiro momento, semanalmente é realizada, em parceria com a equipe de enfermagem, fisioterapia e serviço social, uma palestra para os pacientes candidatos a transplante renal, principalmente aqueles recém-listados no Sistema Nacional de Transplantes, e seus acompanhantes/familiares sobre os cuidados gerais e sobre a terapia após o transplante renal (FIGURA 5). Nessa palestra são elucidadas dúvidas e questionamentos acerca da terapia imunossupressora, que é abordada como essencial para a profilaxia da rejeição do enxerto, além dos tratamentos profiláticos indicados pelo protocolo de Transplante renal.

**FIGURA 5:** Pacientes e familiares acompanham palestra com a farmacêutica sobre aspectos da terapia imunossupressora no transplante.



Fonte: Arquivo pessoal.

Durante a internação são adotadas estratégias que visam promover a autonomia e o autocuidado, tratando a terapia como um trabalho de equipe que necessita da responsabilidade compartilhada entre paciente, profissionais de saúde e família. Também são elaboradas estratégias personalizadas como tabelas de orientação e sacolas de medicamentos com elementos didáticos, com o objetivo de facilitar a compreensão dos

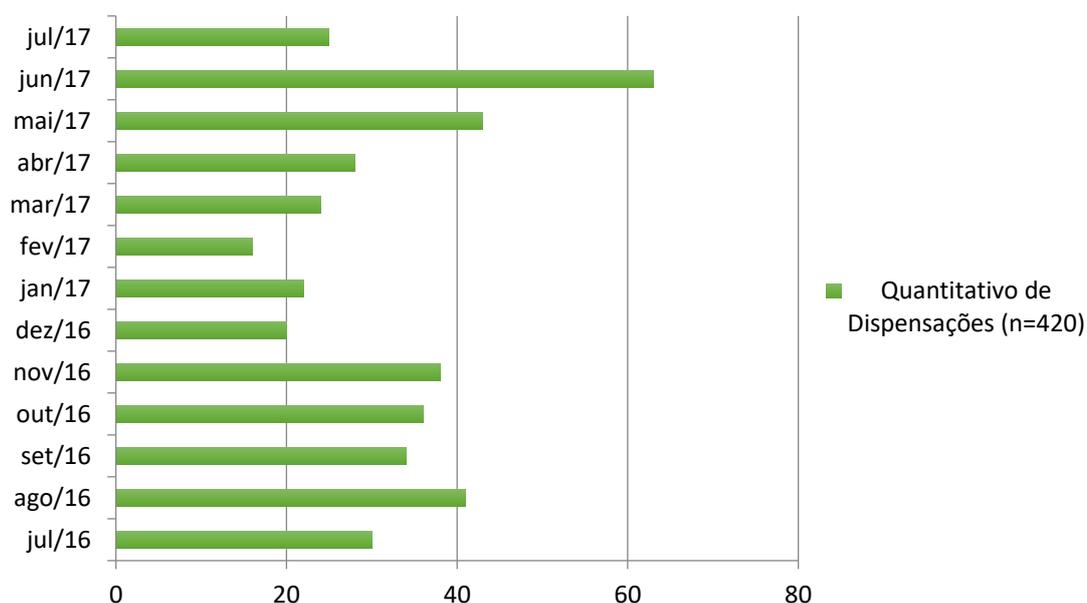
pacientes acerca das orientações repassadas durante a alta hospitalar<sup>9</sup> e o acompanhamento ambulatorial.

### Dispensação

Este serviço, legalmente privativo do farmacêutico, é prestado durante a alta hospitalar e acompanhamento ambulatorial. A dispensação que ocorre na alta é realizada de modo a garantir o acesso inicial aos medicamentos prescritos, orientando o processo de aquisição (quer seja por meio de compra, quer seja por recebimento em serviços dos componentes básico, especializado ou estratégico da Assistência Farmacêutica), disponibilizando a documentação necessária e entregando medicamentos em quantidade suficiente até o próximo dia útil. Conjuntamente à entrega são realizadas orientações acerca do processo de uso adequado dos medicamentos prescritos e entregue tabela de orientação medicamentosa<sup>9</sup>.

No ambulatório, em parceria com os componentes básico e estratégico, são realizadas dispensações de alguns medicamentos do protocolo institucional, visando facilitar o acesso dos pacientes aos tratamentos, uma vez que eles já comparecem ao setor para consultas médicas e com demais profissionais de saúde. A FIGURA 6 traz o quantitativo mensal em valores absolutos de dispensações realizadas no período entre julho de 2016 e julho de 2017.

**FIGURA 6:** Quantitativo mensal de dispensações realizadas em ambulatório de Transplante Renal no período de 1 ano.



Fonte: Serviço de Farmácia Clínica HUWC, 2016/2017.

### Monitorização terapêutica de medicamentos

A dosagem sérica de medicamentos é centrada nos imunossuppressores (tacrolimo, everolimo, sirolimo e ciclosporina). Os imunossuppressores são monitorados periodicamente para avaliar os níveis séricos e realizar possíveis ajustes de doses da terapia.

Não obstante, o acompanhamento dos níveis séricos dos imunossuppressores, sobretudo dos inibidores da calcineurina, permite uma profilaxia de rejeição do enxerto mais

segura, seguindo os níveis preconizados pelos protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas nacionais<sup>17</sup>, evitando toxicidade e rejeição do enxerto.

Os níveis séricos também são usados pelo farmacêutico como indicador de adesão a terapia, representando importante ferramenta nesse aspecto, ao fornecer dados fidedignos quanto a compreensão das orientações farmacêuticas.

## DISCUSSÃO

Esforços para reduzir erros de medicação resultados de possíveis discrepâncias existentes na farmacoterapia do paciente são de fundamental importância em toda transição de níveis de cuidado, incluindo-se aí a admissão, alta e transferência em qualquer serviço de saúde. Desta forma, a conciliação de medicamentos configura como estratégia para segurança do paciente, quando o farmacêutico avalia clinicamente as necessidades terapêuticas do mesmo<sup>18-20</sup>.

O percentual de conciliações (FIGURA 2) está diretamente ligado ao número de pacientes admitidos na enfermaria durante o período avaliado, e demonstram que majoritariamente mais de 80% dos pacientes são conciliados em até 48h da admissão. Estudos trazem que cerca de 65% dos pacientes tem pelo menos um erro de conciliação de medicamentos na admissão hospitalar<sup>18-20</sup>. Entretanto, alguns estudos demonstram ainda o risco de erros de conciliação no processo da alta hospitalar, sendo de extrema relevância clínica e econômica a presença do farmacêutico conduzindo este serviço a fim de minimizá-los<sup>21-25</sup>. No presente estudo não foram computadas as conciliações realizadas durante a alta hospitalar.

A revisão da farmacoterapia, por sua vez, é prestada em vários contextos e cenários dentro do processo de cuidado, com um só objetivo: adquirir a maior quantidade possível de dados sobre a farmacoterapia do paciente (incluindo desde histórico de possíveis reações adversas e/ou alergias, problemas de adesão, erros de prescrição e/ou administração, interações medicamentosas, até avaliação da necessidade da terapia atual e/ou nova terapêutica). Desta forma, alguns autores definem este serviço como uma intervenção de diagnóstico e, ao mesmo tempo, de educação em saúde, permitindo melhores resultados de morbimortalidade e redução de custos relacionados à saúde<sup>12, 26-29</sup>.

Em nosso cenário observamos que esse serviço é essencial para uma prática clínica centrada no paciente e na família, pois a presença do farmacêutico clínico revisando continuamente a farmacoterapia dos pacientes atendidos no ambulatório de transplante renal vem contribuindo para a qualidade de vida destes, sobretudo dos idosos. Dois estudos prospectivos e randomizados demonstraram que a Revisão da Farmacoterapia é de grande importância e impacto nessa população. No primeiro estudo houve 79% de redução de problemas relacionados à farmacoterapia após recomendações do farmacêutico<sup>30</sup> enquanto que no segundo, 77% dos problemas relacionados à farmacoterapia de pacientes com mais 60 anos eram de médio, alto ou extremo risco de evento adverso<sup>31</sup>.

Em se tratando de AFT, todos os pacientes recém-transplantados são candidatos a receberem o serviço. Portanto, como pode ser visto na FIGURA 3, houve oscilação do número de pacientes acompanhados devido às variações no próprio número absoluto de transplantes renais durante o período analisado.

Estudos anteriores no mesmo cenário demonstraram a solidez da atuação do farmacêutico clínico acompanhando o paciente transplantado renal tanto internado como ambulatorialmente. Souza *et al.*<sup>10</sup> acompanharam 219 pacientes durante a internação, num

período de 5 meses, sendo incluídos tanto pacientes transplantados renais como hepáticos. Além disso, este trabalho demonstrou o perfil farmacoterapêutico dessa população, bem como os principais problemas relacionados à farmacoterapia e intervenções farmacêuticas a serem propostas. Em estudo mais recente, Adriano *et al.*<sup>14</sup> obtiveram 577 problemas relacionados à farmacoterapia envolvendo 131 transplantados (58% renais), onde o principal resultado encontrado foi problema de saúde não tratado.

No estudo de Martins<sup>11</sup>, 109 pacientes transplantados renais foram acompanhados ambulatoriamente com, pelo menos, 2 consultas farmacêuticas por paciente. Os resultados deste estudo demonstraram uma média de 8 medicamentos por paciente até a última consulta e que os principais resultados negativos relacionados a medicamentos eram de problema de saúde não tratado, sendo medidas de educação sobre o uso do medicamento a principal categoria de recomendação farmacêutica. De forma semelhante, 107 pacientes recém transplantados foram acompanhados no presente estudo, dando seguimento ao AFT em ambulatório.

Entende-se por gestão da condição de saúde o serviço pelo qual se realiza o gerenciamento e manejo de uma determinada condição de saúde ou fator de risco específicos, por meio de intervenções que tem como objetivo melhores resultados clínicos, minimização de riscos à saúde e aprimoramento do cuidado<sup>12</sup>. Considerando o transplante renal como uma condição de saúde complexa, que envolve uma farmacoterapia abrangente e ao mesmo tempo de fundamental importância, e engloba comorbidades tanto no pré como no pós-transplante, nota-se a importância da gestão desta condição de saúde por uma equipe multidisciplinar. Eis então uma oportunidade de atuação do farmacêutico clínico.

Dentro deste contexto, alguns trabalhos demonstram a importância do farmacêutico clínico inserido na equipe multidisciplinar gerenciando, em parceria com o paciente e família, não somente a farmacoterapia imunossupressora, mas a própria nova condição de vida após o transplante<sup>11,32</sup>. As principais medidas tomadas são esclarecimentos quanto a importância e duração das profilaxias, importância no cuidado com alimentação e medicamentos bem como medidas de cuidado pessoal, pactuados entre equipe, paciente e família, sendo uma forma de gerenciamento compartilhado da condição do mesmo.

Além disso, o farmacêutico participa das reuniões do Plano Terapêutico Singular (PTS)<sup>33</sup> onde a equipe multidisciplinar seleciona pacientes para serem acompanhados de forma holística e são repassadas demandas específicas sobre questões como dificuldades de adesão à terapia, acesso a medicamentos após a alta e estratégias para o autocuidado pós-transplante renal.

Notoriamente, a educação em saúde vêm trazendo impactos importantes no processo de cuidado farmacêutico aos pacientes transplantados. Vieira<sup>34</sup> ressalta a promoção da saúde como atribuição do farmacêutico, principalmente através da disposição de um serviço de farmácia com qualidade (e neste aspecto incluem-se a orientação e o AFT) e, da educação em saúde, de fácil acesso à comunidade. Nessa perspectiva, desde a palestra aos pacientes pré-transplante e com a primeira tabela de orientação na alta pós-transplante<sup>9</sup>, os pacientes conhecem a figura do farmacêutico como parceiro no processo de cuidado.

Outros trabalhos já atestaram o reconhecimento pela comunidade e equipe de saúde, do papel do farmacêutico como educador em saúde<sup>35,36</sup>. O passo seguinte, é avaliar qualitativamente esta percepção na realidade do paciente transplantado, visando atestar e melhorar a prestação desse serviço.

No que diz respeito à dispensação, nossos dados são quantitativos referentes ao total de dispensações realizadas (FIGURA 6), e o que é alarmante segundo alguns estudos, é a

qualidade deste serviço privativo da profissão. Dois estudos<sup>37,38</sup> evidenciaram de maneira preocupante a forma insatisfatória como este serviço vem sendo ofertado. Chamam atenção para a necessidade de educação continuada e de mudanças na formação clínica do farmacêutico.

Em contrapartida, como ponto positivo da experiência relatada, a residência em saúde e a ligação do serviço com o meio acadêmico<sup>10</sup>, proporcionam uma vivência riquíssima de construção constante de conhecimento, onde existe uma troca e atualização de saberes entre os residentes e as farmacêuticas do serviço. Assim, apesar de reconhecida deficiência na formação do farmacêutico para com a prestação deste serviço, existe um esforço contínuo para melhorar os aspectos defasados em um processo de educação continuada.

Por fim, o serviço de monitorização terapêutica de medicamentos imunossupressores tem grande participação do farmacêutico, desde a orientação quanto ao preparo para o exame<sup>39</sup>, até as intervenções geradas a partir do seu resultado. As implicações na avaliação do processo de adesão também já são conhecidas da literatura<sup>40</sup>, e são rotineiras na prática profissional do farmacêutico. Embora este método de avaliação tenda a superestimar a não-adesão<sup>41</sup>, o papel do farmacêutico aqui deve ir além, ao combinar outras medidas para melhorar a precisão deste diagnóstico.

## CONCLUSÃO

São de conhecimento de toda a equipe, todas as limitações inerentes ao processo de cuidado bem como aquelas atreladas às fragilidades do nosso sistema de saúde. Todavia, um gerenciamento e prestação dos serviços farmacêuticos adequados possibilitam a construção de uma prática profissional com o paciente como centro do cuidado, sua família como base de apoio e o profissional como parceiro no processo.

Muito ainda há que se explorar do universo dos pacientes transplantados e como os cuidados farmacêuticos podem auxiliá-los a alcançar as metas terapêuticas. Estudos mais aprofundados ainda serão executados, objetivando quantificar e qualificar o benefício de tais serviços a comunidade de transplantados. É inegável, porém, que a experiência aqui relatada vem contribuindo para construir a história de sucesso dos Transplantes no estado do Ceará.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CORRER, C. J.; OTUKI, M. F.; SOLER, O. Assistência Farmacêutica integrada ao processo de cuidado em saúde: gestão clínica do medicamento. *Rev Pan-Amaz Saude*, v. 2, n. 3, 2011.
2. CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Regulamenta as atribuições clínicas do farmacêutico e dá outras providências. Res. Nº 585 de 29 de agosto de 2013.
3. ALANO, G. M.; CORRÊA, T. S.; GALATO, D. Indicadores do serviço de Atenção Farmacêutica (SAF) da Universidade do Sul de Santa Catarina. *Ciência&Saúde Coletiva*, v. 17, n. 3, p. 757-64, 2012.
4. PONTES, A. P. M.; CESSO, R. G. D.; OLIVEIRA, D. C.; GOMES, A. M. T. Facilidades de acesso reveladas pelos usuários do Sistema Único de Saúde. *Rev Bras Enferm*, v. 63, n. 4, p. 574-80, 2010.
5. ORLANDI, P. A.; CRISTELLI, M. P.; ALDWORTH, C. A. R.; FREITAS, T. V. S.; FELIPE, C. R.; SILVA JÚNIOR, H. T.; PESTANA, J. O. M. A. Evolução a longo prazo no transplante renal de idosos. *J Bras Nefrol*, v. 37, n. 2, p. 212-20, 2015.
6. CALZADO, M. R. R. La adherencia terapéutica en el paciente transplantado renal. *Enferm Nefrol*, v. 16, n. 4, p. 258-70, 2013.
7. RIVELLI, R. F.; GONÇALVES, R. T.; GOUVEIA, M. S. G.; ROSA, M. A.; PENEDO, B. A.; LEITE JÚNIOR, M. Avaliação do esquema de imunossupressão composto por sirolimo, ciclosporina e prednisona em um grupo de receptores de enxerto renal. *J Bras Nefrol*, v. 24, n. 1, p. 1-8, 2007.
8. MARTINS, B. C. C.; SOUZA, T. R.; LUNA, A. M. P. T.; FONTELES, M. M. F.; FIRMINO, P. Y. M.; FERNANDES, P. F. C. B. C.; GARCIA, J. H. P.; OLIVEIRA, C. M. C.; NÉRI, E. D. R. Pharmaceutical care in transplant patients in a university hospital: pharmaceutical interventions. *Bras J Pharm Sci*, v. 49, n. 4, p. 659-68, 2013.
9. LIMA, L. F.; MARTINS, B. C. C.; OLIVEIRA, F. P. P.; CAVALCANTE, R. M. A.; MAGALHÃES, V. P.; FIRMINO, P. Y. M.; ADRIANO, L. S.; SILVA, A. M.; FLOR, M. J. N.; NÉRI, E. D. R. Orientação farmacêutica na alta hospitalar de pacientes transplantados: estratégia para a segurança do paciente. *Einstein*, v.14, n. 3, p. 359-65, 2016.
10. SOUZA, T. R.; LOPES, D. M. A.; FREIRE, N. M.; SALMITO, G. A.; VASCONCELOS, H. C. A.; OLIVEIRA, A. B.; PINHEIRO, A. N.; NÉRI, E. D. R.; FERNANDES, P. F. C. B. C.; GARCIA, J. H. P. Importância do farmacêutico residente em uma unidade de transplante hepático e renal: intervenções farmacêuticas realizadas. *J Bras Transpl*, v. 13, n. 1, p. 1368-72, 2010.
11. MARTINS, B. C. C. Acompanhamento farmacoterapêutico de pacientes transplantados renais: da descrição do processo aos desfechos clínicos. 93f. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

12. CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Serviços Farmacêuticos Diretamente Destinados ao Paciente, à Família e à Comunidade: Contextualização e Arcabouço Conceitual. Brasília: Conselho Federal de Farmácia, 2016.
13. CARDINAL, L.; FERNANDES, C. Intervenção farmacêutica no processo de validação da prescrição médica. *Rev Bras Farm Hosp Serv Saúde São Paulo*, v. 5, n. 2, p. 14-19, 2014.
14. ADRIANO, L. S.; MARTINS, B. C. C.; LIMA, L. F.; CAVALCANTE, R. M. A.; OLIVEIRA, F. R. P.; MAGALHÃES, V. P.; FIRMINO, P. Y. M.; FONTELES, M. M. F.; NÉRI, E. D. R. Pharmaceutical interventions and their clinical outcomes in an inpatient post-transplant unit. *Rev Bras Farm Hosp Serv Saúde São Paulo*, v. 8, n. 1, p. 15-21, 2017.
15. MERINO, E.; CARO, E.; RAMOS, J. M.; BOIX, V.; GIMENO, A.; RODRÍGUEZ, J. C.; RIERA, G.; MÁ-SERRANO, P.; SACNHÉZ-PAYA, J.; REUS, S.; TÓRRUS, D.; PORTILLA, J. Impact of a stewardship program on bacteraemia in adult inpatients. *Rev Esp Quimioter*, v. 30, n. 4, p. 257-63, 2017.
16. MAGALHÃES, V. P.; MARTINS, B. C. C.; CAVALCANTE, R. M. A.; OLIVEIRA, F. R. P.; CHAVES, E. F.; GUEDES, M. M.; FIRMINO, P. Y. M.; NÉRI, E. D. R. Avaliação das notificações de reações adversas a medicamentos em pacientes transplantados em um hospital sentinela de Fortaleza-Ceará. *Rev Bras Farm Hosp Serv Saúde São Paulo*, v. 8, n. 1, p. 22-28, 2017.
17. BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 712, de 13 de agosto de 2014. Aprova o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas - Imunossupressão no Transplante Renal. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 14 ago. 2014.
18. FERNANDES, O. Medication Reconciliation in the Hospital: what, why, where, when, who and how? *Healthc q*, v.15, spec, p.42-49, 2012.
19. KWAN, J. L.; LO, L.; SAMPSON, M.; SHOJANIA, K. G. Medication Reconciliation During Transitions of Care as a Patient Safety Strategy: A Systematic Review, *Ann Intern Med*, v.158, n.5pt2, p.397-403, 2013.
20. BANDRÉS, M. A. A.; MENDOZA, M. A.; NICOLÁS, F. G.; HERNÁNDEZ, M. A. C.; LA IGLESIA, F. R. Pharmacist-led medication reconciliation to reduce discrepancies in transitions of care in Spain, *Int J Clin Pharm*, v.35, n.6, p.1083-1090, 2013.
21. BELDA-RUSTARAZO, S.; CANTERO-HINOJOSA, J.; SALMERON-GARCÍA, A.; GONZÁLEZ-GARCÍA, L.; CABEZA-BARRERA, J.; GALVEZ, J. Medication reconciliation at admission and discharge: An analysis of prevalence and associated risk factors, *Int J Clin Pract*, v.69, n.11, p.1268-1274, 2015.
22. MUSGRAVE, C. R.; PILCH, N. A.; TABER, D. J.; MEADOWS, H. B.; MCGILLICUDDY, J. W.; CHAVIN, K. D.; BALIGA, P. K. Improving transplant

- patient safety through pharmacist discharge medication reconciliation, *Am J Transplant*, v.13, n 3, p.796–801, 2013.
23. SEBAALY, J.; PARSONS, L. B.; PILCH, N. A.; BULLINGTON, W.; HAYES, G. L.; EASTERLING, H. Clinical and Financial Impact of Pharmacist Involvement in Discharge Medication Reconciliation at an Academic Medical Center: A Prospective Pilot Study, *Hosp Pharm*, v.50, n.6, p.505–513, 2015.
  24. MEKONNEN, A. B.; MCLACHLAN, A. J.; BRIEN, J. E. Effectiveness of pharmacist-led medication reconciliation programmes on clinical outcomes at hospital transitions: a systematic review and meta-analysis, *BMJ Open*, v.6, n.2, p.1-14, 2016.
  25. KILCUP, M.; SCHULTZ, D.; CARLSON, J.; WILSON, B. Postdischarge pharmacist medication reconciliation: Impact on readmission rates and financial savings, *J Am Pharm Assoc*, v.53, n.1, p.78–84, 2013.
  26. BLENKINSOPP, A.; BOND, C.; RAYNOR, D. K. Medication reviews, *Br J Clin Pharmacol*, v.74, n.4, p.573–580, 2012.
  27. LEHNBOM, E. C.; STEWART, M. J.; MANIAS, E.; WESTBROOK, J. I. Impact of Medication Reconciliation and Review on Clinical Outcomes, *Ann Pharmacother*, v.48, n.10, p.1298–1312, 2014.
  28. CHRISTENSEN, M.; LUNDH, A. Medication review in hospitalised patients to reduce morbidity and mortality, *Cochrane Database Syst Rev*, v.28, n.2, p.1-54, 2013.
  29. DESBOROUGH, J. A.; SACH, T.; BHATTACHARYA, D.; HOLLAND, R. C.; WRIGHT, D. J. A cost-consequences analysis of an adherence focused pharmacist-led medication review service, *Int J Pharm Pract*, v.20, n.1, p.41–49, 2012.
  30. AHMAD, A.; NIJPELS, G.; DEKKER, J. M.; KOSTENSE, P. J.; HUGTENBURG, J. G. Effect of a Pharmacist Medication Review in Elderly Patients Discharged From the Hospital, *Arch Intern Med*, v.172, n.17, p.1346–1347, 2012.
  31. ELLIOTT, R. A.; MARTINAC, G.; CAMPBELL, S.; THORN, J.; WOODWARD, M. C. Pharmacist-Led Medication Review to Identify Medication-Related Problems in Older People Referred to an Aged Care Assessment Team, *Drugs Aging*, v.29, n.7, p. 593–605, 2012.
  32. ALLOWAY, R. R.; DUPUIS, R.; GABARDI, S.; KAISER, T. E.; TABER, D. J.; TICHY, E. M.; WEIMERT-PILCH, N. A.; Evolution of the role of the transplant pharmacist on the multidisciplinary transplant team, *Am J Transplant*, v.11, n.8, p. 1576–1583, 2011.
  33. SILVA, E. P.; MELO, F. A. B. F.; SOUSA, M. M.; GOUVEIA, R. A.; TENÓRIO, A. A.; CABRAL, A. F. F.; PACHECO, M. C. S.; ANDRADE, A. F. R.; PEREIRA, T. M. Projeto Terapêutico Singular como Estratégia de Prática da Multiprofissionalidade nas Ações de Saúde, *R bras ci Saúde*, v.17, n.2, p.197–202, 2013.

34. VIEIRA, F. S. Possibilidades de contribuição do farmacêutico para promoção da saúde, *Ciência & Saúde Coletiva*, v.12, n.1, p.213-220, 2007.
35. VINHOLES, E. R.; ALANO, G. M.; GALATO, D. A percepção da comunidade sobre a atuação do serviço de atenção farmacêutica em ações de saúde relacionadas a promoção do uso racional de medicamentos, *Saúde Soc.*, v.18, n.2, p.293-303, 2009.
36. COSTA, E. M.; RABELO, A. R. M.; LIMA, J. G. Avaliação do papel do farmacêutico nas ações de promoção da saúde e prevenção de agravos na atenção primária, *Rev Ciênc Farm Básica Apl.*, v.35, n.1, p.81-88, 2014.
37. ZANELLA, C. G.; AGUIAR, P. M.; STORPIRTIS, S. Atuação do farmacêutico na dispensação de medicamentos em Centros de Atenção Psicossocial Adulto no município de São Paulo, SP, Brasil, *Ciência & Saúde Coletiva*, n.20, v.2, p.325-332, 2015.
38. REIS, T. M.; GUIDONI, C. M.; GIROTTO, E.; RASCADO, R. R.; MASTROIANNI, P. C.; CRUCIOL, J. M.; PEREIRA, R. L. R. Knowledge and conduct of pharmacists for dispensing of drugs in community pharmacies: a cross-sectional study, *Braz J Pharm Sci*, v.51, n.3, p.733-744, 2015.
39. SOARES, J. L. M. F.; ROSA, D. R.; LEITE, V. R. S.; PASQUALOTTO, A. C. *Métodos Diagnósticos: Consulta Rápida*. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.
40. RIBEIRO, J. M. C.; SOUZA, J. M.; MACHADO, V. B.; SOUZA, E. T. G. Instrumento de avaliação da adesão medicamentosa e aferição da concentração de imunossupressores: relato de experiência, *J Nurs UFPE on line*, v.10, n.6, p.2267-2272, 2016.
41. BRAHM, M. M. T. Adesão aos imunossupressores em pacientes transplantados renais. 102f. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.